

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO MEIO RURAL: UMA DUPLA INVISIBILIZAÇÃO

GABRIELA MARQUES DE LARA¹; CAROLINE RODRIGUES²; GABRIELI
DAMASCENO MACEDO³; LUISA LISLIE BOTH GRIEBLER⁴; CAMILA PEIXOTO
FARIAS⁵; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – gabriela.marques.de.lara@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carolarodrigues2305@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gabrielidamasceno.m@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – luisagriebler@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho em questão está circunscrito pelo projeto *Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres*, que abarca as áreas de ensino, pesquisa e extensão, e surgiu de uma parceria entre os cursos de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), contando com a participação das integrantes do Epoché (Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial) e do Pulsional (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise) da UFPel e do Marginália (Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo) da UFRJ.

O projeto mais amplo inicia no ano de 2020, em meio à pandemia de COVID-19 no Brasil, buscando construir espaços de partilha entre mulheres sobre as suas experiências naquele momento, considerando a invisibilização de discussões a partir de uma perspectiva de gênero nos meios de comunicação naquele contexto, em contrapartida à uma história única (ADICHIE, 2019) da pandemia. No âmbito da pesquisa, foi elaborado um questionário *on-line* com o intuito de criar um espaço seguro e acolhedor de partilha, buscando ouvir o que as participantes estavam a nos contar, com a significativa participação de quase 6 mil mulheres. Com o intuito de conduzir os processo de uma pesquisa implicada, localizada e corporificada (HARAWAY, 2009), elencamos recortes menores para nos debruçar de forma atenta e cuidadosa sobre as narrativas de cada participante.

Como um contorno possível, delineamos o grupo de mulheres residentes no meio rural no intuito de abrir um espaço de interlocução com as participantes, em um movimento de ouvir e dialogar com narrativas que são historicamente invisibilizadas e deslegitimadas, as quais não foram evidenciadas nos principais veículos de mídia no período inicial de pandemia. Neste trabalho, iremos nos deter sobre um dos aspectos presentes em seus relatos, a questão da divisão sexual do trabalho entre as mulheres que residem no campo e sua dupla invisibilização: geográfica e de gênero.

2. METODOLOGIA

É a partir de um entrelaçamento entre as perspectivas existencial-fenomenológica crítica, psicanalítica contemporânea e das teorias feministas que o percurso investigativo desse trabalho é construído. As diferentes abordagens no âmbito da psicologia dialogam a partir das experiências das pesquisadoras convergindo em um mesmo horizonte ético. Em interlocução com as epistemologias feministas, empreendem um movimento para visibilizar os vetores estruturantes da experiência, a fim de complexificar e ampliar as possibilidades de construir sentidos no mundo a partir de uma perspectiva interseccional.

No que se refere às atividades, a pesquisa contou, em etapa inicial, com a construção de um questionário, distribuído via plataforma digital no período entre 24 de maio de 2020 e 07 de junho de 2020. Ele foi composto por 27 questões objetivas, buscando conhecer os marcadores sociais das participantes, e 6 questões descritivas, que tinham o intuito de suscitar narrativas singulares das participantes. Esse instrumento buscava conhecer as diversas realidades de mulheres no cenário da pandemia de COVID-19 e, desta forma, observar as possíveis repercussões sociais e psíquicas desse contexto em suas vidas. No seguimento das atividades da pesquisa, foram estabelecidos recortes para que pudéssemos nos aprofundar nas análises das narrativas e em suas interlocuções. Entre eles está o das mulheres residentes na zona rural (MACEDO et al., 2022), sobre o qual iremos seguir aprofundando a discussão nesse trabalho.

A pesquisa mais ampla contou com a participação de um total de 5.847 mulheres e entre elas, 205 declararam viver na zona rural do Brasil. Esse recorte foi estabelecido com o intuito de visibilizar narrativas de mulheres que vivem em tal meio, tendo em vista o seu histórico de silenciamento, uma vez que, além de questões relacionadas ao gênero, elas vivenciam ainda um processo de invisibilização e opressão em decorrência do espaço geográfico onde vivem. E para melhor compreender os sentidos das experiências compartilhadas por elas, nos dedicamos a dialogar com as respostas às perguntas descritivas "Como você tem se sentido desde que a pandemia de COVID-19 começou (sentimentos e sensações)?" e "Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?", a fim de sistematizar esse percurso investigativo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É bastante comum que, em discussões que se voltam para o contexto da zona rural, os homens estejam, implicitamente, colocados como protagonistas. Nesse sentido, as mulheres que habitam o campo brasileiro têm a sua força de trabalho desconsiderada, sofrendo diversos processos de invisibilização, como elabora NILMA DOS SANTOS (2016). Ao mesmo tempo, as mulheres residentes do meio rural com frequência não estão incluídas nas discussões feministas. Diante disso, observamos que essas mulheres sofrem um duplo processo de invisibilização, tanto em vista de serem mulheres, como também de residirem no meio rural.

O primeiro aspecto da invisibilização apontado, está relacionado com a dimensão do trabalho. A divisão sexual do trabalho é caracterizada pela atribuição de funções diferentes a homens e mulheres em razão do seu sexo biológico. Essas tarefas incluem desde os serviços domésticos até os vínculos empregatícios, pois partem do pressuposto que homens pertencem à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva, como nos traz DANIÈLE KERGOAT (2009). Conforme a autora, "essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem "vale" mais do que um de mulher)" (KERGOAT, 2009, p. 67). Sobre a temática, ELSA DORLIN (2021) discorre sobre como a divisão sexual do trabalho aloca os homens em posições em que as atividades que desempenham são remuneradas e assumidas enquanto um trabalho, assim sendo reconhecido pela sociedade. Enquanto as funções desempenhadas pelas mulheres são desqualificadas ou, muitas vezes, não são reconhecidas como trabalho, quando estamos falando em atividades domésticas ou de cuidado, a qual reconhecemos como trabalho reprodutivo a partir de SILVIA FEDERICI (2019). A autora acrescenta também que a condição de não remuneração/sub-remuneração

do trabalho desdobra-se em um processo de naturalização dessas atividades a serem realizadas por mulheres (FEDERICI, 2019). Esses fatores estão cotidianamente presentes na vida das mulheres, com frequência associados ao cansaço, esgotamento e exaustão. Contudo, no período de pandemia de COVID-19, as realidades de sobrecarga foram intensificadas, acentuando o sofrimento psíquico e as reverberações subjetivas em suas vidas. Nesse sentido, algumas narrativas compartilhadas pelas participantes evidenciam tais lógicas de subalternização:

“Cuidar da casa. Meu marido sai pra trabalhar todos os dias e acha que como fico em casa, posso cuidar dos filhos e da casa sem prejuízo do meu trabalho. Ele ajuda menos do que quando saímos todos de casa... Estamos pagando a diarista, mas ela está em casa: eu fiquei por conta da limpeza toda... Isso me deixa nervosa e chateada: odeio esse trabalho, e queria que meu tempo tivesse o mesmo valor, estando ou não em casa...” (125)

“Equilibrar trabalho e cuidado da casa e filhos. Estabelecer uma rotina. Dar limites ao teletrabalho; ressignificar minha função de coordenadora de equipe por meio de teletrabalho.” (58)

As duas participantes (125 e 58) contam como têm as suas jornadas de trabalho invisibilizadas em vista das atividades domésticas. A respondente 125 afirma estar sem os serviços da pessoa responsável por colaborar com a manutenção da casa, o que estaria fazendo com que elas estivessem sobrecarregadas com a execução dessas atividades, o que permite ampliar a discussão sobre as condições do trabalho doméstico em um país marcado pela colonialidade como Brasil, temática vastamente discutida por CIDA BENTO (2022). Ao mesmo tempo, as duas respondentes revelam que as atividades domésticas e de cuidado são delegadas a elas, gerando um acúmulo de responsabilidades, evidenciando a dimensão da divisão sexual do trabalho no cotidiano dessas mulheres (DORLIN, 2021; KERGOAT, 2009; FEDERICI, 2019). A participante (58) compartilha a necessidade de estabelecer um limite ao trabalho remoto e aponta como uma das suas dificuldades principais o equilíbrio entre este trabalho e as atividades domésticas, sinalizando que há exigência de cumprimento de ambas as atividades sobre ela, à medida que a respondente (125) sinaliza o seu desejo em ter o seu tempo valorizado, independente de estar em casa ou não, apontando a desvalorização em relação ao tempo dessas mulheres e às atividades desenvolvidas por elas (KERGOAT, 2009).

Destacamos ainda um segundo aspecto da invisibilização no que diz respeito ao meio rural, de como as mulheres que vivem, trabalham e têm o seu fazer e saber desqualificados. Esta subalternização relaciona-se ainda com o contraste entre o urbano, sendo este o que lugar de destaque com o decorrer das décadas foi foco da de industrialização e migração, tornando-se sinônimo de desenvolvimento e prosperidade. Na realidade das mulheres camponesas, além do trabalho reprodutivo há participação na escala produtiva, nas atividades agrícolas, tendo contribuições significativas para a renda familiar. No entanto, este trabalho é invisibilizado, visto por vezes como “ajuda” ou complemento ao trabalho do homem (SANTOS, 2016). Reconhecemos como fundamental a ampliação das discussões acerca da temática de gênero inscrita no meio rural, com ênfase na pandemia. Durante esse período, os espaços longe das cidades ganharam notoriedade à medida que era possível perceber o deslocamento de pessoas das cidades com destino ao meio rural, em uma tentativa de sair dos grandes centros urbanos, onde os índices de disseminação pelo vírus da COVID-19 eram consideravelmente mais elevados. O âmbito rural foi concebido como um espaço de refúgio em meio à realidade de

medo, insegurança e imprevisibilidade. Entretanto, essa ideia parece não se sustentar diante das narrativas aqui expostas.

4. CONCLUSÕES

A breve discussão sobre a temática permite perceber como as lógicas sociais de subalternização estão presentes na vida das mulheres que residem na zona rural, evidenciando um duplo processo de invisibilização. Em vista da dimensão de gênero, a falta de reconhecimento das diversas jornadas de trabalho que elas protagonizam deflagram as estruturas de opressão nas dinâmicas do seus cotidianos. Em relação ao âmbito rural, a desvalorização das atividades empreendidas pelas mulheres e a invisibilização em relação ao próprio meio em contraste com os espaços urbanos complexifica as camadas relacionadas aos processos de subalternização. Em vista disso, ouvir as suas experiências é imprescindível para a construção de estratégias de cuidado em suas dimensões singular e coletiva, como também de políticas públicas alinhadas a essa perspectiva.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENTO, C. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades** - Introdução à teoria feminista. São Paulo: Crocodilo / Ubu Editora, 2021.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Editora Elefante, 2019.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7- 41, 2009.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. Editora UNESP: São Paulo, p. 67-75, 2009.

MACEDO, G. D. et al. Meio rural sob a perspectiva de gênero: narrativas de mulheres no período da pandemia de COVID-19. In: **SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, 8, 2022, Pelotas. Anais do XXXI Congresso de Iniciação Científica. Pelotas: UFPel, 2022.

SANTOS, N. A. A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar: entre a invisibilidade e a desvalorização do trabalho (re)produtivo de mulheres trabalhadoras rurais do município de Brejo/MA frente à expansão da monocultura de soja. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís – MA, p. 331-337, 2016.